

Igual-desigual

*Eu desconfiava:
Todas as histórias em quadrinhos são iguais.
Todos os filmes norte-americanos são iguais.
Todos os filmes de todos os países são iguais.
Todos os best-sellers são iguais.
Todos os campeonatos nacionais e internacionais de
futebol são iguais.
Todos os partidos políticos
são iguais*

*Todas as mulheres que andam na moda
são iguais.
Todos os sonetos, gazéis, virelais, sextinas e rondós
são iguais.
E todos, todos os poemas em versos livres são
enfadonhamente iguais.*

*Todas as guerras do mundo são iguais.
Todas as fomes são iguais.
Todos os amores iguais, iguais, iguais.
Iguais todos os rompimentos.
A morte é igualíssima.
Todas as criações da natureza são iguais.
Todas as ações, cruéis, piedosas ou indiferentes, são
iguais.
Contudo, o homem não é igual a nenhum outro
homem, bicho ou coisa.
Ninguém é igual a ninguém.
Todo o ser humano é um estranho
ímpar.*

Carlos Drummond de Andrade

Os (des)caminhos da educação: a importância do trabalho de campo na geografia

Other paths of education: the importance of field work in geography

Juliana Santana Ribeiro da Silva*
Mírian Belarmino da Silva**
José Leonídio Varejão***

Pode-se dizer que a Geografia se interessou mais pela
forma das coisas do que pela sua formação.

Milton Santos

* Graduanda em Geografia pelo Instituto Federal Fluminense

** Graduanda em Geografia pelo Instituto Federal Fluminense

*** Mestre Professor de Geografia Física do Instituto Federal Fluminense e Orientador.

O trabalho de campo é essencialmente importante para a formação dos alunos, do ensino básico ao superior, independente do curso. Este artigo, em especial, focaliza o trabalho dos alunos da geografia. Com base nos três pontos que a compõem, a aula de campo (pré-campo, campo e pós-campo), pretende-se explorar um novo parâmetro que a educação pode seguir na compreensão da teoria e prática. As análises feitas utilizam a corrente da geografia crítica para instigar a curiosidade e a percepção do aluno e para pôr em prática a interdisciplinaridade, com o objetivo de enriquecer cada vez mais a sua formação.

Field work is especially important for the training of students, from elementary school to any course in higher education. This article focuses on projects developed by students of Geography. Based on the three elements that make up a class on the subject (pre-field, field and post-field), the study discusses a new standard which may guide the understanding of the theory and practice. The analyses presented in the article were oriented by trends in critical geography to arise curiosity and perception of students and implement an interdisciplinary approach, and aiming at improving their educational experience.

Palavras-chave: Trabalho de Campo. Percepção. Interdisciplinaridade. Teoria e Prática.

Key words: Field work. Perception. Interdisciplinarity. Theory and Practice.

Introdução

Em educação existem caminhos alternativos para se construir o conhecimento. E um desses caminhos, apresentado neste presente artigo, é a aula de campo. Para a formação da geografia é de extrema importância o “espaço vivido”. É fundamental que os alunos reconheçam os conceitos, a construção, a ação humana sobre o mundo e que explorem a curiosidade epistemológica a partir de uma aprendizagem contínua.

O indivíduo é único, assim como cada lugar tem a sua singularidade. O trabalho de campo objetiva trazer ao aluno um olhar crítico sobre a realidade e a teoria compreendendo-a dialeticamente. O planejamento do professor também deve ter unicidade, objetivo e a pretensão de mostrar a realidade dentro da vida do aluno.

Algumas fases da aula de campo e os objetivos apresentados tentarão colaborar para a busca de uma educação mais democrática e prazerosa. Procura-se buscar novos caminhos que tenham êxito e estejam ao alcance de todos. Para análise, parte-se de uma base teórica e de uma experiência vivenciada na aula de campo de geologia em Minas Gerais. Embora, não seja assunto do texto, a contribuição dessa aula de campo teve um valor incalculável para a formação do professor.

Entre muitos objetivos, fica aqui uma discussão da valorização que deve ter o trabalho de campo para que o conhecimento se torne concreto para todos aqueles que estudam.

Desenvolvimento

A educação, a ciência e o professor não são neutros. Em 1970, nascia na França e mais adiante em outros países, a corrente denominada Geografia Crítica ou ainda Geografia Marxista. Essa corrente vai romper com a ideia de neutralidade e de uma geografia que excluía os problemas sociais, já que não eram considerados questões geográficas. A obra: *A geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra*, de Yves Lacoste vai ter repercussões e a partir daí, se pensará uma geografia não como as anteriores produções bibliográficas mostravam. A obra também vai acarretar mudanças do ensino de geografia nas escolas. A corrente ganha mais força na Alemanha, Espanha, França e Brasil, principalmente na década de 80, nos Estados Unidos, na década de 90. Os primeiros trabalhos publicados da nova escola no Brasil são do geógrafo Milton Santos, grande nome da Geografia Crítica.

Com o surgimento da Geografia Crítica as observações no campo, passam a ser questionadas na busca de respostas coerentes, assim a aula de campo surge com um novo sentido onde o aluno agora não é apenas um observador, mas um investigador que procura ser parte integrante da paisagem. (FIGUEIREDO; SILVA, 2009).

O professor estimula a curiosidade do aluno através da percepção do mundo e do papel do indivíduo dentro dele. As ideias, teorias e a própria realidade são enxergadas por um ângulo não visto anteriormente.

O estudo de Vidler e Rawan (1974) evidenciou que a curiosidade ajuda no desempenho das atividades escolares, mostrando, por meio de um estudo com estudantes universitários, que o desenvolvimento da curiosidade epistêmica em ambiente acadêmico favorece a aprendizagem. (BEZERRA; SMITH, p. 2753, [2006]).

A curiosidade é uma importante ferramenta para o novo, para o diferente. Com o auxílio do professor, o aluno começa a questionar desde os pequenos fatos que envolvem o bairro onde mora até a conjuntura internacional, no entanto, “... o desafio será pensar um desenho curricular mais próximo da realidade e, ao mesmo tempo, em como será a sua aplicação no cotidiano escolar” (CASTELLAR, 2006). As influências começam a ser transmitidas dentro da sala de aula e gradualmente o aluno vai caminhando segundo a sua experiência e a cientificidade, que começam a se articular num âmbito mais profundo. O ensino, neste momento, não permite a desconexão com o conjunto de matérias, o aluno percebe através de sua curiosidade, que os conteúdos estão dentro da mesma rede. Percebe-se então que o estudo não tem neutralidade. Agora o aluno é formador de ideias, tem seus pensamentos próprios. O conhecimento fica cada vez

mais inviável para uma “transferência”, inicia-se então a construção dos conhecimentos em conjunto com quem o forma, para quem ou para que estão sendo formados e para os novos paradigmas. “Todo indivíduo por mais passivo que seja, sente-se atraído pelo desafio de aprender algo, mesmo que inconsciente.” (FEITOSA, 2010).

Deliberadamente o conhecimento tem que ser acessível ao aluno correspondendo às suas perspectivas financeiras. Não se pode projetar uma curiosidade no aluno que não possa ser concebida em virtude das limitações que ele vive. O aluno deve sentir-se motivado a construir o conhecimento intrínseco à sua realidade, de modo que, a partir da percepção do mundo à sua volta, ele se volte para todo o mundo. O plano de estudo formulado pelo professor cujo objetivo é a interação do aluno com o conhecimento precisa ser acessível e ao mesmo tempo eficiente para pôr em prática a curiosidade e dela poder saciar-se.

Os alunos precisam conscientizar-se de que a aula de campo deve ser feita em conjunto, partindo de que o indivíduo é único e que o seu olhar para o objeto representa um diferencial que pode ser administrativamente trabalhado sobre as reflexões a serem epistemologicamente resolvidas. “A aprendizagem que se adquire com o PE – Plano de Estudo, é um processo de construção do saber e não apenas uma apropriação de um saber já existente.” (ROCHA, 2010).

O plano de estudo para a aula de campo deve instruir o aluno sobre o objetivo que se pretende como também sobre o valor de tal aprendizado para toda a vida. A percepção não ocorre, quando o aluno estuda os saberes de forma fragmentada. O trabalho de campo em sua conjuntura essencial deve ser apresentado no plano de estudo já que seu objetivo é a constituição dos saberes, aprendizados e reflexos no cotidiano. Pensa-se antes de tudo, uma disciplina que permita o intercâmbio entre as esferas curriculares nas escolas e, de certa forma, incumbiu-se desse papel a geografia, que faz análise crítica e que cada vez mais se tem distanciado da gestão/produção do conhecimento. No plano de estudo, o aluno deve ser o alvo indireto que atravessa a realidade por entre as páginas do livro e do diálogo com o professor. Na posição de aluno condicionado às grades escolares, a maior diferença que poderia permear a mente, como de igual modo a realidade, seria o trabalho de campo.

O campo faz toda a diferença no planejamento do professor. É através do trabalho de campo que o aluno consegue visualizar a teoria dentro da prática, e ainda, dentro do dia-a-dia. A interdisciplinaridade é vista pelo aluno, no momento em que mediante a sua reflexão sobre o objeto indicado pelo professor, ele percebe que existem outros objetos e que até o mesmo objeto serve para análise de várias disciplinas. O campo torna-se um atrativo e, cada vez mais, integrador do conhecimento.

A programação do trabalho de campo inicia-se na metodologia da apresentação dos roteiros, observando-se de forma simples, os pontos destacados pelo professor (análise), o objeto a ser estudado (objetivo) e a importância daquele estudo (finalidade). O pré-campo é fundamental para que o aluno acompanhe a trajetória a ser estudada e

questione com curiosidade, sem repetir simplesmente aquela famosa frase que costuma ressaltar a cada parada: “O que é que eu estou fazendo aqui?”. O pré-campo vai nortear o aluno como uma representação da realidade. Quando estiver na aula de campo a sua mente já estará aberta às reflexões teórico-práticas que fundamentarão a pesquisa.

Conhecido também como momento de preparação/planejamento, o pré-campo se constitui como elemento fundamental em sua realização, já que é nele que o professor organiza a parte estrutural da saída da escola, é a partir desse momento que os alunos começam a ter contato com o objeto de estudo da aula de campo. (FALCÃO; PEREIRA, 2009, p. 9).

O pré-campo pode assegurar bons resultados e estimular a curiosidade epistemológica do aluno. “A preparação [pré-campo] é uma etapa fundamental para o sucesso do Trabalho de Campo. A realização de um bom planejamento pode assegurar que os objetivos traçados sejam realmente alcançados durante a saída da escola” (FALCÃO; PEREIRA *et al.*, 2005).

O campo deve ser planejado pelo professor para que não se torne um passeio turístico, ou apenas uma saída da sala de aula. Mesmo dentro do campo o professor tem que se assumir como tal e os alunos como tais. Os trajes também devem ser levados em conta, afinal a turma está em aula. O campo não pode ser visto pelos alunos como uma aventura corriqueira, entre amigos, e até mesmo simples lembranças registrada por máquinas fotográficas. O campo é um lugar de discussão de ideias que agora são abstraídas pelos alunos e devem representar passos que transformem o seu jeito de pensar e refletir. O aluno precisa compreender que as teorias assumem um papel muito importante na prática, e, que sem elas seria difícil compreender a realidade.

No trabalho de campo, os primeiros passos vão ser sempre os mais difíceis, pois o aluno não consegue ainda enxergar a teoria e prática dialeticamente. O aluno já pensa o roteiro e dele começa a indagar sobre o que está observando, logo deixa de ser observador e passa a ser investigador, tendo uma visão crítica, pois está relacionando a prática com a teoria já mostrada pelo professor anteriormente.

[...] o professor deve aguçar, na medida do possível, a curiosidade dos alunos para que a partir das suas observações e das informações coletadas possam construir suas aprendizagens, alcançando, assim, os objetivos propostos para a saída ao campo. (FALCÃO; PEREIRA *et al.*, 2005, p. 112)

O professor deverá orientar o aluno a fim de situá-lo no espaço geográfico a ser analisado. É indispensável que os alunos cooperem para que o professor consiga realizar a aula de campo de forma que o aprendizado seja prazeroso para ambos. A dinâmica da aprendizagem também é estritamente fundamental para a construção do conhecimento. O professor à medida que vai explicando os pontos destacados no pré-

campo, ao mesmo tempo, vai instigar o aluno a pensar, refletir, construir e conceituar. Baseado nos conceitos geográficos a turma não vai simplesmente memorizar o conceito, ao contrário, irá compreender as relações que se estabelecem dentro do espaço, em esferas tanto sociais quanto naturais.

O trabalho de campo estimula de tal forma a curiosidade do aluno que a vivência do que se estuda se torna clara e a teoria começa a ganhar um valor impensável pelos alunos, além de estimular a leitura, o aprofundamento, e o questionamento. O trabalho ganha âmbitos que vão além da geografia, passando pela sociologia, biologia, física, química, história e outros saberes. A transdisciplinaridade ao mesmo tempo em que rompe com o antigo paradigma tradicional da escola, leva o aluno a conectar os saberes sem separar a geografia da biologia ou de outro saber. Até os saberes ganham uma comunicação entre eles e entre os alunos. A formação básica escolar para o mercado de trabalho exige dos alunos muito mais do que simplesmente conhecimentos engavetados e memorizados, sem relação alguma com o mundo, questões muito mais pertinentes e que segundo (CUNHA *et al.*, 2008):

[...] passam pelo pensar, pelo ler a realidade, compreender os processos, identificar problemas e gerar soluções o que requer competências cognitivas complexas que implicam o desenvolvimento da inteligência, muito além da memória, exigindo uma articulação entre o fazer e o conhecer.

O aluno trabalha o entendimento científico, uma construção do conhecimento “verdadeiro”. A análise do mundo não fica no senso-comum, ao poucos o professor trabalha cada etapa até que esse vínculo que o aluno tem com o “achismo”, seja rompido definitivamente, e o aluno esteja preparado para assumir-se como observador do objeto e transformador de sua realidade.

Lucas *et al.* (2005) ressaltaram que o potencial científico de uma pergunta feita por uma criança, pode se tornar um guia para inseri-la no contexto da produção de conhecimento na escola e isso pode ser perdido se essas questões não forem problematizadas de maneira a buscar evidências e provas que levem ao entendimento científico. (LUCAS, BRODECK, LEHRER, BOHANAN *apud* BEZERRA; SMITH, 2006).

Os laços afetivos da união do grupo também são trabalhados na aula de campo, o respeito de opiniões, os debates de grupos, a afetividade, a liberdade, dentre outros aspectos sociais são visíveis dentro da pesquisa. A dinâmica do trabalho de campo se torna menos cansativa e mais prazerosa desde o momento em que o aluno começa a descobrir o mundo e este se torna mais “entendível” ao estudante. E essa formação ajuda o aluno a articular o conhecimento e a reconhecer que “o que é próprio do saber

não é ver nem demonstrar, mas interpretar.” (FOUCAULT *apud* MARQUES; PRAIA, 2009).

O trabalho de campo pode ser auxiliado através de documentários, filmes, revistas, jornais, programas televisionados, dentre outros. É importante ressaltar que esses anexos não devem substituir o campo, independente da disciplina. O aluno precisa se reconhecer no espaço e não ficar achando que as realidades apresentadas nesses suportes estão distantes da realidade dele. O aluno tem que se relacionar com o lugar, ter vínculo, conhecimento, sentir-se existente. A partir de uma realidade, pode-se trabalhar outra mesmo que sejam totalmente diferentes (pode-se fazer uma distinção) como também iguais (analogia). Scortegagna e Negrão (2005) mostram que “os trabalhos de campo são fundamentais para o aluno observar e interpretar a região onde vive e trabalha, produzindo seu próprio conhecimento, adquirindo competência para tornar-se um agente transformador do meio”.

Os professores vistos como estudiosos da sua respectiva área, não devem iludir-se com os auxílios tomando como suprimento os anexos do trabalho de campo. O campo é tão importante como as aulas teóricas. A articulação de todas as possibilidades além de enriquecedora tem um valor insubstituível em toda a esfera da aprendizagem.

Claro que estas práticas não descartam e nem substituem o trabalho com textos e as aulas expositivas, que são a base do aprendizado do aluno. Mas são ferramentas preciosas que permitem mostrar aos alunos que o espaço é algo dinâmico e que as vivências e as reflexões espaciais influenciam a sociedade em todo momento e só reconhecendo-se como integrante deste movimento é que se constrói a cidadania e este é um desafio constante para as aulas de Geografia. (OLIVEIRA; MENDONÇA, 2003, p. 14).

O trabalho de campo permite a compreensão humana do mundo de forma mais total e complexa. A percepção é também um conceito que depende da abordagem teórica do professor. Scortegagna e Negrão (2005) acreditam que “é no campo que o aluno poderá perceber e aprender os vários aspectos que envolvem o seu estudo, tanto naturais quanto sociais.” O trabalho de campo pode ser entendido como uma complementação da aula (prisma mais visto) ou como uma ferramenta de enriquecimento e aprendizado de importância ao conteúdo teórico de igual forma fundamental.

O espaço é complexo e o trabalho de campo se realiza nele. Os grafos estabelecidos no mapa pelo professor para o trabalho de campo são respaldados pela teoria e pela postura do professor com relação à teoria e ao objeto. O professor não pode deixar que a sua rigorosidade metodológica crie no aluno uma postura de repetição, seja por causa de notas ou por qualquer outro fator, ainda que o estudante não assuma um posicionamento em relação aos seus estudos e ao mundo. A aula de campo assim como a teoria exige criticidade, independente de fatores externos e/ou existenciais a ambos.

Kant *apud* Santos esclarece sua definição de espaço: ...O espaço não é conceito empírico, extraído de experiências externas. Efetivamente, para que determinadas sensações sejam relacionadas com algo exterior a mim (isto é, com algo situado num outro lugar do espaço, diferente daquele em que me encontro) e igualmente para que as possa representar como exteriores [e a par] umas das outras, por conseguinte não só distintas, mas em distintos lugares, requere-se já o fundamento da noção de espaço. (ROCHA *et al.*, p.132, 2008).

O professor não pode esquecer-se de que a complexidade do espaço interfere no trabalho de campo e em tudo que se pretende trabalhar nele. Questões de natureza sentimental, político-ideológica, entre outras são também fundamentais e devem ser consideradas, contudo não é objetivo da discussão presente. Se o professor não é neutro, como executar o trabalho de campo de forma menos particularista?

O trabalho de campo tem uma importância essencial na educação do aluno. E a execução dele exige determinados cuidados. Primeiro, a questão particular: devem ser abordados diferentes posicionamentos com relação ao mesmo objeto, permitindo-se ao aluno se encaixar de acordo com uma determinada visão. Segundo, a questão positiva e negativa: os dois lados da visão devem ser abordados da forma mais imparcial possível. E terceiro, a resposta ao professor: o aluno tem direito de escolher um posicionamento que não interfira na qualidade de seu trabalho e que deve ser respeitado pelo professor. O objetivo do trabalho de campo não é convencer um grupo a posicionar-se e agir como o mestre, mas analisar, refletir e transformar.

[...] é fundamental para o estudante essa noção de conhecimento como um construto da prática científica, do ir e vir à fonte de informações, de testar, reformular, elaborar e adquirir a noção dos limites da produção científica; tudo isso contribui para desmitificar o conhecimento científico e o cientista. (COMPIANI *apud* SCORTEGAGNA; NEGRÃO, 2005).

Ao final da atividade o terceiro e último ponto é o pós-campo, a discussão, as problematizações e a construção do conhecimento. A resposta do pós-campo pode ser dada de diversas maneiras, desde relatórios a maquetes. A análise do professor deve ser feita de forma imparcial em relação às suas particularidades. Esse processo de exercício para o aprendizado do aluno é fundamentalmente importante. A dialética da teoria e da prática é expressa na realização do pós-campo e pode atingir resultados superiores ao esperado. A realidade vivida tanto pelos professores como pelos alunos tem como objetivo principal a extração da aprendizagem de forma sucinta e continuada.

Tanto para os professores como, principalmente, para os alunos, foi possível ter contato com a realidade vivida por eles, porém fazendo uma leitura crítica do espaço observado. Por fim, os professores

relataram sobre o pós-campo, onde estes tiveram a possibilidade de extrair dos alunos todo o aprendizado obtido nessas excursões didáticas, seja em formas de relatórios, feiras culturais, teatros ou de diversas outras formas adotadas pelo educador. (FALCÃO; PEREIRA, 2009, p.18)

O pós-campo tem uma importância no caminho da educação, porque a construção do conhecimento é realizada nessa etapa e a interdisciplinaridade é melhor percebida. A construção do conhecimento que é feito pode proporcionar o aluno, com o apoio do professor, a fazer mesas-redondas junto a outras turmas, de forma a fazer interagir mais os alunos entre si para saciar a curiosidade epistemológica.

Conclusão

Entre os inúmeros caminhos da educação, o trabalho de campo parece fundamental ao estudo (superior a uma simples aula complementar), devido ao aprendizado interdisciplinar (uma vez que o mesmo ponto pode ser estudado por diversos saberes) que constrói de forma mais curiosa e prazerosa o conhecimento. Mas o trabalho de campo não deverá servir a fins ideológicos e posicionamentos impostos pelo professor ou pela escola. A educação “vivenciada” não deve servir de artifício para a repetição do conhecimento, mas para a construção científica do mesmo. Ainda segundo Scortegagna e Negrão (2005) o trabalho de campo em geografia é riquíssimo, pois “as práticas de campo apresentam infinitas possibilidades de pesquisa e investigação, pois é na ciência geográfica que aspectos físicos e humanos se tornam objetos de estudo concomitante.”

O papel do professor frente ao trabalho de campo deve incentivar a curiosidade, para a concretização da reflexão e conclusão do grupo de forma essencialmente democrática. Na atual conjuntura da educação, a aula de campo deve ser analisada como uma forma existencial de trazer a realidade para o aluno. O trabalho de campo não depende só do professor, mas dos alunos e da escola. O apoio para a concretização de bons resultados envolve todo o conjunto.

A percepção dos alunos para o mundo não depende só de um fator, mas da relação dialética entre teoria e prática. Fica evidente que para fundamentar uma educação de qualidade o professor precisa trabalhar a educação “vivenciada” numa educação na maioria das vezes caótica, sem estímulo ambiental (a sala de aula também é um lugar de desconstrução do conhecimento, por causa da falta de interesse dos alunos) e financeiro (não há verbas para a realização do trabalho de campo e muitas vezes a escola não direciona um olhar para a importância de tê-lo ou às vezes nem é interessante a determinadas políticas).

A geografia crítica é responsável pela desconstrução das mazelas educacionais de conteúdos terminantemente vistos como conteúdos transferidos. O professor

formula o trabalho de campo para destruir as formas “vagas” de ministrar os conteúdos, direcionando um fim em que o aluno se sinta parte da realidade e capaz de transformá-la. O espaço, da mesma forma que é reflexo dos homens que o habitam, também serve de análise dos homens que a ele pertencem.

O trabalho de campo não é um simples “consumo” do espaço (utilização do espaço para fins descartáveis), mas de construção contínua de um saber científico que também pode fazer parte da vida do aluno.

Referências

BEZERRA. P. SMITH. P. Trabalhando a Curiosidade Científica na Sala de Aula de Química: Perspectivas e Possibilidades de Mudanças? In: CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE INVESTIGACIÓN EN LA DIDÁCTICA DE LAS CIENCIAS, 8., [2006]. ISSN 0212-4521.

CASTELLAR. S. Currículo, Educação Geográfica e Formação Docente. *Desafios e Perspectivas*, v.2, n.2, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.ffp.uerj.br/tamoios/anterior.htm>> . Acesso em: 10 ago. 2010.

CUNHA. C. GUIMARÃES. O. ARAÚJO. M. VASCONCELLOS. E. MARTINS. J. REIS-NETO. J. MARTINS. F. Ensino de técnicas de análises de minerais com ênfase na interpretação de dados: teoria e prática na formação do geólogo. *Terra e didática*, v.4, 2008. Disponível em: <www.ige.unicamp.br/terraedidatica/>. Acesso em: 13 ago. 2010.

FALCÃO. W. PEREIRA. W. A Aula de Campo na Formação Crítico/cidadão do aluno: Uma Alternativa para o Ensino de Geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA– ENPEG, 10., Porto Alegre, RS, 2009.

FEITOSA, L. Despertando a curiosidade do aluno através da problematização e projetos de aprendizagem. [s.d.]. Artigo (Mestranda, especialista em Educação). Universidade de Alcalá. Disponível em <<http://www.webartigos.com/articles/30942/1/Despertando-a-curiosidade-do-aluno-atraves-da-problematizacao-e-projetos-de-aprendizagem/pagina1.html>>. Acesso em: 18 mar. 2010.

FIGUEIREDO. V. SILVA. G. A importância da aula de campo na prática em geografia. ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA– ENPEG, 10., Porto Alegre, RS, 2009.

MARQUES. L. PRAIA. J. Educação em Ciência: actividades exteriores à sala de aula. *Terra e didática*, v.5, 2009. Disponível em: <www.ige.unicamp.br/terraedidatica/>. Acesso em: 13 ago. 2010.

MEMÓRIA viva. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/drummond/verso.htm>> Acesso em: 20 mar. 2010.

OLIVEIRA, M. SANTOS, E. Transformações do espaço na rua XV novembro pelo “olhar” dos alunos. Relatório apresentado na disciplina de Estágio Supervisionado de Licenciatura em Geografia para o Ensino Fundamental do curso de Licenciatura em Geografia - Universidade Federal do Paraná, [2003].

ROCHA, I. Uma reflexão sobre a formação integral nas EFAs : contributos do caderno da realidade nesse processo na EFA de Riacho de Santana - Bahia. 2003. Disponível em: <<http://alternanciapedagogia.blogspot.com/2009/08/plano-de-estudo.html>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

ROCHA, J. *Diálogo entre as Categorias da Geografia: Espaço, Território, e Paisagem*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

SANTOS, M. *Da Totalidade ao Lugar*. 1 ed. São Paulo: Editora Edusp. 2005.

SORTEGAGNA, A.; NEGRÃO, O. Trabalhos de campo na disciplina de Geologia Introdutória: a saída autônoma e seu papel didático. *Terra e didática*, v.1, 2005. Disponível em: <www.ige.unicamp.br/terraedidatica>. Acesso em: 13 ago. 2010.

Artigo recebido em: 30 abr. 2010

Aceito em: 26 ago. 2010

